

**Patrimônio histórico-cultural das  
Assembleias de Deus: uma análise  
do conceito de “presentismo”  
(François Hartog)**

**Historic-cultural patrimony of the  
Assemblies of God: an analysis  
from the concept of “presentism”  
(François Hartog)**

**Patrimonio histórico-cultural de las  
Asambleas de Dios: un análisis  
del concepto de “presentismo”  
(François Hartog)**

---

**Valdinei Ramos Gandra<sup>1</sup>**

---

**Resumo:** O artigo debruça-se sobre as recentes iniciativas das Assembleias de Deus em preservar parte de seu patrimônio histórico-cultural, particularmente criando o Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP), juntamente com o Memorial Gunnar Vingren, ambos na sede da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), e o Museu Nacional da Assembleia de Deus em Belém, Pará, cidade onde se iniciou a instituição religiosa em 1911. Entre os vários aportes teóricos que ajudam a entender tal fenômeno, destacam-se os conceitos de “regime de historicidade” e “presentismo” do historiador francês François Hartog, pois se entende, a partir de pesquisas realizadas nos documentos institucionais, que as ações patrimoniais das Assembleias de Deus se devem, entre outras coisas, a um modo de lidar com o tempo. Se antes passado, presente e futuro se conjugavam em chave hermenêutica escatológica, na atualidade percebe-se um arrefecimento de tal compreensão, ajustando-se institucionalmente a um “regime de historicidade presentista”, onde se estreita a relação com passado e futuro a partir do presente. O desejo de controlar as narrativas históricas, nos processos de patrimonialização da memória institucional, aponta para uma diminuição da expectativa escatológica, ou melhor, a escatologia se “presentifica”.

**Palavras-chave:** Assembleias de Deus; Patrimônio cultural; Regime de historicidade; Presentismo; Escatologia.

**Abstract:** The article analyses the recent initiatives of the Assemblies of God in preserving part of its historic-cultural patrimony, particularly creating the Center of Studies of the Pentecostal Movement (CEMP), together with the Gunnar Vingren Memorial, both in the head office of the Assemblies of God Publishing House (CPAD), and in the Assemblies of God National Museum in Belém, Pará, city where the religious institution initiated in 1911. Between the various theoretical groundings that help to understand such phenomenon, the concepts of “regime of historicity” and “presentism”, from the French historian François Hartog, are highlighted, for it is understood, from the researches realized in the institutional documents, that the patrimonial actions of the Assemblies of God are due, among other aspects, from a way of dealing with time. If before past, present and future were conjugated in eschatological hermeneutical key, currently, a cooling in such comprehension is perceived, institutionally adjusting to a “presentist regime of historicity”, where the

---

<sup>1</sup> Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade MPCs pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) especialista em Educação a Distância pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA) tecnólogo em Processos Gerenciais pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER); Licenciando em História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Atualmente é professor da Faculdade Refidim, ocupando as funções de Coordenador do Bacharel em Teologia (Presencial e EAD) e Pesquisador Institucional (PI). Pesquisador do Grupo de Estudos de Teologia e Sociedade (UNIVILLE). Sócio da Associação Nacional de História (ANPUH). Membro da Rede Latino Americana de Estudos Pentecostais (RELEP). Membro do comitê editorial da Revista Azusa Revista de Estudos Pentecostais (ISSN 21787441). Membro e Coordenador do Núcleo de Joinville e Região da Fraternidade Teológica Latino-americana (FTL). Como pesquisador, atua principalmente nas áreas de História do Protestantismo e Teologia Latino Americana, com ênfase no diálogo com o pentecostalismo. Profissionalmente, atua na gestão acadêmica, com ênfase na implantação e desenvolvimento do ensino superior na modalidade presencial e a distância também tem experiência na elaboração de itens para avaliação dos cursos de teologia (ENADE/INEP). E-mail: gandra@ceeduc.edu.br.

relations with the past and future from the present are straightened. The desire to control the historical narratives, in the processes of patrimonialization of the institutional memory, point to a diminishing in the eschatological expectative, or better, the eschatology is “presentified”.

**Keywords:** Assemblies of God; Cultural patrimony; Regime of historicity; Presentism; Eschatology.

**Resumen:** El artículo se refiere a las recientes iniciativas de las Asambleas de Dios en preservar parte de su patrimonio histórico-cultural, particularmente creando el Centro de Estudios del Movimiento Pentecostal (CEMP), juntamente con el Memorial Gunnar Vingren, ambos en la sede de la Casa Publicadora de las Asambleas de Dios (CPAD), y el Museo Nacional de la Asamblea de Dios en Belém, Pará, ciudad donde se comenzó la institución religiosa en 1911. Entre los varios aportes teóricos que ayudan a entender tal fenómeno, se destacan los conceptos de “régimen de historicidad” y “presentismo” del historiador francés François Hartog, pues se entiende, a partir de investigaciones realizadas en los documentos institucionales, que las acciones patrimoniales de las Asambleas de Dios se deben, entre otras cosas, a una manera de trabajar con el tiempo. Si antes pasado, presente y futuro se conjugaban en clave hermenéutica escatológica, en la actualidad se nota un enfriamiento de tal comprensión, ajustándose institucionalmente a un “régimen de historicidad presentista”, donde se estrecha la relación con pasado y futuro a partir del presente. El deseo de controlar las narrativas históricas, en los procesos de patrimonialización de la memoria institucional, señala para una disminución de la expectativa escatológica, o mejor, la escatología se “presentifica”.

**Palabras clave:** Asambleas de Dios; Patrimonio cultural; Régimen de historicidad; Presentismo; Escatología.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Embora as periodizações sejam sempre problemáticas, costuma-se classificar o protestantismo brasileiro em três vertentes principais. A primeira delas seria o protestantismo de imigração, implantado por ocasião do acordo estabelecido entre portugueses e ingleses em 1810 e, posteriormente, fortalecido com as políticas de abertura para a implantação de colônias europeias no país, surgindo assim, comunidades luteranas, anglicanas, entre outras. Na segunda metade do século XIX outras tradições protestantes se instalariam no Brasil, por intermédio do fluxo missionário europeu e estadunidense, como: presbiterianos, batistas, metodistas, dentre outras, denominadas igrejas do protestantismo de missão. Por fim, no início do século XX, se estabeleceu o pentecostalismo<sup>2</sup>, com a igreja Congregação Cristã no Brasil (CCB) em 1910 e as Assembleias de Deus (AD's) em 1911 (Cf. MENDONÇA & PRÓCORO, 1990). Os pentecostalismos, pois são muitos, possuem uma marca identitária que os distinguem do protestantismo dito histórico, tanto de imigração quanto de missão, que seria o batismo com o Espírito Santo, bem como também a atualidade dos carismas (dons do Espírito). A síntese da mensagem pentecostal é: Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em Breve voltará.

Obviamente que as classificações apresentadas escondem uma infinidade de diferenças que marcam cada igreja protestante, dito de outro modo, há muitas formas de ser luterano, batista, presbiteriano, metodista, assembleiano, enfim, de ser protestante. Sendo ainda

<sup>2</sup> Parte-se da compreensão de que o pentecostalismo também pode ser compreendido como pertencente ao protestantismo, embora muitas igrejas “históricas” resistam à referida compreensão.

mais específico: alguém poderia se dizer batista, no entanto, que tipo de batista? Batista pentecostal? Pertencente a Convenção Batista Nacional (CBN)? Batista reformado? Afinal, são muitas possibilidades. Pode-se dizer o mesmo sobre as Assembleias de Deus (a partir de agora AD's). Sim, no plural, pois há muitos assembleianismos. Nesse caso, a pergunta para quem se identifica como assembleiano seria: qual o ministério que você pertence? E a resposta poderia variar muito: ministério de Madureira, ministério missão, ministério vitória em Cristo, ministério de Perus, e muitos outros (Cf. CORREA, 2013).

Diante disso, o pesquisador das AD's precisa apresentar o recorte de sua pesquisa, já que um dos problemas envolvendo pesquisas sobre os pentecostalismos, e muitas outras correntes protestantes, são as generalizações. No caso em questão, se está investigando as ações patrimoniais das AD's que fazem parte da Convenção Geral das Assembleias de Deus (a partir de agora CGADB), cuja editora oficial é a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (a partir de agora CPAD). Mesmo diante desse cuidado, sabe-se que ainda há muitos "assembleianismos". Gedeon Freire Alencar (2013), por exemplo, descreve-os como: assembleianismo rural; assembleianismo urbano, assembleianismo autônomo e assembleianismo difuso. Entretanto, essa polissemia identitária não afeta totalmente a análise em questão, já que um elemento fundamental sustenta a pesquisa, isto é, todas as AD's ligadas a CGADB são receptoras de material informativo e pedagógico da CPAD, editora oficial da instituição, principal produtora e reprodutora da cultura assembleiana, inclusive é ela a principal articuladora da preservação do patrimônio institucional.

Apresentadas essas considerações, o que se propõe na referida pesquisa é questionar as mudanças teológicas que ocorrem nas AD's desde a segunda metade da década de 80, com a ascensão de novos sujeitos pentecostais, denominados "neopentecostais", e como essas mudanças podem se articular com os conceitos de "regimes de historicidade" e "presentismo" do historiador francês François Hartog (2015), já que sua abordagem privilegia a questão da "experiência do tempo", algo que parece impactar as subjetividades assembleianas.

As questões que serão pontuadas ao longo do artigo decorrem de uma ampla pesquisa iniciada no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, finalizado em 2014, na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), seguindo também como possível proposta de pesquisa para o doutorado. Desse modo, o trabalho resulta de análise bibliográfica, documental e pesquisa de campo não participativa.

## ASSEMBLEIAS DE DEUS BRASILEIRAS: UMA HISTÓRIA DE UM POUCO MAIS DE CEM ANOS

Entre o final do século XIX e início do XX uma série de transformações sociais, culturais e econômicas marcaria profundamente o *modus operandi* da sociedade estadunidense. Essas transformações dizem respeito à Guerra Civil, às tensões raciais, ao processo de urbanização, à imigração europeia, entre outras coisas. Segundo Leonildo Silveira Campos (2005), surge nesse período movimentos religiosos de "santificação" (*holiness*) entre os protestantes, principalmente entre os metodistas, que se apresentariam como instâncias organizadoras de sentido, "ilhas de certezas", na configuração social que se apresentava. O cenário descreve, ainda que de modo breve, a pré-história de parte significativa dos pentecostalismos contemporâneos, inclusive daqueles que se estabeleceriam no Brasil no início do século XX.

Desses movimentos de santidade surgiram os que falavam em línguas, oravam por curas e outros sinais sobrenaturais, experiência interpretada como um acontecimento semelhante ao que ocorrera em Jerusalém, conforme descrito na Bíblia, particularmente em Atos dos Apóstolos, no capítulo 2. Um movimento pentecostal importante em termos

históricos ocorreu na Azusa street em Los Angeles, Califórnia, denominado Missão da Fé Apostólica, liderado pelo afroamericano William Joseph Seymour. A força desse movimento está no fato de que desdobramentos pentecostais posteriores se afirmam como inspirados nele, como é o caso do assembleianismo brasileiro.

As AD's foram fundadas por dois missionários suecos radicados nos Estados Unidos, Gunnar Vingren e Daniel Berg. Conforme consta na historiografia oficial das AD's (CONDE, 1960), Daniel Berg e Gunnar Vingren se conheceram em Chicago, Illinois, pois naquele momento muitas pessoas foram atraídas pelo movimento pentecostal que estava ocorrendo naquela cidade, na comunidade cristã North Avenue Full Gospel Mission, liderada por William Howard Durham. Também é dito na historiografia assembleiana, que após algum tempo, quando Gunnar Vingren pastoreava uma igreja na cidade de South Bend, no Estado de Indiana (EUA), Daniel Berg fora visitá-lo. Nesta cidade, em uma reunião de oração, os dois foram orientados por intermédio de profecia<sup>3</sup> que levassem a mensagem pentecostal para um local denominado Pará. Ainda segundo a versão oficial, não conheciam a referida localidade, mas buscaram saber a respeito na biblioteca da cidade, onde se descobriu tratar-se de um estado no norte do Brasil. Para Gedeon F. Alencar a narrativa faz parte do mito fundante das Assembleias de Deus, pois em Belém já havia um missionário batista sueco e a empresa que posteriormente iria empregar Daniel Berg, Companhia Port of Pará, era uma grande exportadora de borracha para os Estados Unidos.<sup>4</sup> Desse modo, diz ele sobre Pará, “[...] este som não era tão desconhecido. Isto não tira o brilho da epopeia nem diminui o altruísmo dos suecos. Apenas mostra que a história da igreja é ideal – como em todas as demais igrejas”. (ALENCAR, 2010:142)

Ainda seguindo a versão oficial, no dia 5 de novembro de 1910 embarcaram no navio *Clement* no Porto de Nova Iorque, desembarcando em Belém no dia 19 de novembro do mesmo ano, conduzidos por moradores locais à Igreja Batista da cidade, cujo pastor era sueco, como já dito anteriormente. Entretanto, por conta da tentativa de inserir práticas pentecostais na igreja que os acolheu, foram expulsos com um grupo que havia aceitado a fé pentecostal. Assim, o grupo liderado pelos suecos, fundou em 1911 a Igreja Missão da Fé Apostólica, passando a se chamar, posteriormente, em 1918, Igreja Assembleia de Deus. O primeiro nome denota a ligação do grupo com a Azusa street e o segundo nome já estava em uso nos Estados Unidos desde 1914 e nomeava várias comunidades autônomas pentecostais que se uniram em uma única Igreja. Embora os fundadores das AD's tragam uma bagagem cultural sueca e estadunidense, ela se constitui historicamente como uma igreja tipicamente brasileira (Cf. ALENCAR, 2013).

O crescimento das AD's se deu pela capacidade de desenvolver uma liderança local, basicamente leiga, ou seja, sem a necessidade de formação teológica para pastorear as igrejas. Além disso, gente simples, do povo, homens e mulheres, tornavam-se proclamadores da fé pentecostal, principalmente nas trilhas da urbanização do Brasil. A expansão ocorria também por conta da capacidade de suprir as ausências do estado e das igrejas históricas, tanto do catolicismo quanto do protestantismo, formando uma ampla rede de solidariedade e de sentido.

Atualmente as AD's contam com um contingente de 12,3 milhões de fiéis, sendo a segunda maior igreja de tradição cristã no país, atrás somente da Igreja Católica. Entre o censo de 2000 e 2010, seu crescimento foi de 48% (CENSO, 2010). Elas estão presentes

<sup>3</sup> O dom de profecia é um dos carismas aceitos e praticados nas igrejas pentecostais, sendo a mensagem de Deus transmitida por uma pessoa que possua tal dom. Popularmente se diz: “entregar o recado de Deus”.

<sup>4</sup> Nesse período o Brasil experimentava o que se denomina de primeiro ciclo da borracha (1879-1912), algo que produziu desenvolvimento econômico para a Região Amazônica, como é o caso da cidade de Belém, no Estado do Pará.



em todas as paisagens brasileiras, nas periferias, nos bairros centrais, nas áreas rurais, enfim, é muito fácil encontrar uma AD. Inclusive, há assembleianos nas estruturas de poder político, sendo o maior número de deputados na denominada bancada evangélica. Enfim, elas se inserem cada vez mais nas dinâmicas sociais do país.

## REGIMES DE HISTORICIDADE, “PRESENTISMO” E “NOVAS” SUBJETIVAÇÕES ASSEMBLEIANAS

Como já dito anteriormente, o trabalho em questão tenta compreender as transformações que estão ocorrendo nas AD's desde a segunda metade da década de 80, pois a partir deste período surgem “novos protagonismos” (neopentecostais) no campo religioso pentecostal, como a Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Sara Nossa Terra e muitas outras na mesma linha teológica, com algumas sutis mudanças. Essas igrejas introduziram o que se denomina de teologia da prosperidade, cuja estrutura principal se concentra nas bênçãos celestiais para o tempo presente. Desse modo, os “novos pentecostais” buscam na Bíblia Sagrada, quase sempre no Antigo Testamento, textos que remetem a ideia da prosperidade para os que são fiéis a Deus, principalmente nas questões dos dízimos e ofertas.

Além disso, eles conseguiram inserir mais uma face na multifacetada cultura brasileira, graças à denominada cultura gospel (CUNHA, 2007), que se articula principalmente por intermédio da música e da literatura. No entanto, o sucesso da empreitada só foi possível pela aquisição de canais midiáticos de apelo massivo, como a televisão, o rádio, editoras, e, posteriormente, a internet. Máquinas semióticas (GUATTARI, 1999) que produzem “novas subjetividades”, sustentadas numa relação de “barganha com o sagrado”. Por outro lado, essas “subjetividades” se constituem, entre muitas outras possibilidades, a partir de “novas experiências com o tempo”, principalmente na superação da tradicional equação entre passado (campo de experiência) e futuro (horizonte de expectativa) em perspectivas escatológicas (KOSELECK, 2006).

Há na teologia da prosperidade um jeito novo de pensar o tempo escatológico, pois se antes se depositava a confiança no “futuro com Deus”, na atualidade a confiança se move para o “presente com Deus”, algo que se sustenta no “passado com Deus”. Se antes se pensava, principalmente a partir dos escritos paulinos<sup>5</sup>, que o futuro escatológico remetia a ideia de esperança frente a um presente tensionado, fundamentado no passado, com os ditos do Cristo, na concepção da teologia da prosperidade, passado e futuro escatológico são encapsulados na garantia de proveito para o tempo presente. As promessas do porvir se “presentificam” nos discursos e nas práticas pentecostais (teologia triunfalista).

Em perspectiva histórica e teológica, a escatologia<sup>6</sup> pode ser entendida, entre outras coisas, como uma linguagem teológica com impactos significantes nas relações sociais, ou seja, ela sempre se caracterizou pela capacidade de organizar a vida dos sujeitos religiosos no mundo. A escatologia pode ser entendida como uma ancoragem do sujeito, por outro lado, quando não atualizada pelos cânones hermenêuticos de verdade, pode ser um elemento de desestabilização. Pode-se dizer, sem medo de errar, que a crise escatológica no final da pré-modernidade, ajudou a gestar uma escatologia humanista que se inicia com o renascimento e se incorpora no iluminismo, por vias racionalistas e empiristas. Nos espaços intelectuais a esperança do Reino dos céus foi substituída pela esperança do reino dos homens. As epistemes modernas se tornariam nestes contextos os ritos por excelência da escatologia

<sup>5</sup> Conferir, por exemplo, Primeira Carta aos Tessalonicenses 4. 13 – 5.11.

<sup>6</sup> Tradicionalmente a compreensão das últimas coisas, do tempo derradeiro, final.

humanista. No entanto, no curso das duas grandes guerras, na primeira metade do século 20, a escatologia humanista se esvazia em sua proposta de sentido do e no tempo. Deste modo, a contemporaneidade é atravessada, entre outras coisas, por uma “crise escatológica”, pois a modernidade não conseguiu concretizar a “esperança humanista”. Do mesmo modo, simbolicamente, a queda do muro de Berlim em 1989, fez ruir a última esperança escatológica, a utopia política.

No entanto, a história do pentecostalismo se insere em um contexto histórico bíblico que se recusava a acessar os referenciais do racionalismo iluminista, pelo menos na reflexão teológica, onde a retomada pneumatológica estava ancorada em dimensões escatológicas, pois o “derramar do Espírito Santo” seria uma ação trinitária para os últimos dias, daí a “urgência” como uma das palavras chave nas “linguagens pneumatológicas”. A relação cristã com o tempo teria articulado passado, presente e futuro na eternidade e inaugurado um novo tempo de expectativa, “um presente habitado pela esperança do fim” (Hartog, 2013. p.90). Assim, a escatologia, enquanto linguagem teológica, sempre proporcionou um importante ferramental de organização e sentido do mundo, algo que não se leva muito em conta na teologia da prosperidade. A teologia da prosperidade engendraria um novo regime de historicidade, marcado pelo presentismo (HARTOG, 2015)?

Para François Hartog (2015, pp. 11,12), regime de historicidade, enquanto instrumento analítico, “[...] é apenas uma maneira de engrenar passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias”. Além disso, “[...] o termo expressa a forma de condição histórica, a maneira como um indivíduo ou uma coletividade se instaura e se desenvolve no tempo”. Já o termo presentismo significa que o “[...] presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato” (2015, p.148). Desse modo, os pentecostalismos contemporâneos, assim como boa parte da sociedade global, experimentam essa relação com o tempo histórico marcado pela ideia de presentismo, cujos sinais se apresentam no esvaziamento da esperança escatológica.

Embora os “gestores” da cultura assembleiana tentem de todos os modos um distanciamento das novas subjetividades pentecostais, crivando o conceito de “pentecostalismo clássico” (GANDRA, 2014), desenvolvendo estratégias culturais para garantir certa reserva identitária, os sujeitos assembleianos, por outro lado, desenvolvem táticas de subjetivação, ora cedendo, ora resistindo, ora ressignificando suas identidades (CERTEAU, 2009). Desse modo, é possível, por exemplo, participar de “cultos da vitória” nas AD’s, cujo fundamento é a teologia da prosperidade. Além da linguagem “neopentecostal” que se insere nos ritos litúrgicos e nas práticas eclesiais.

A experiência do tempo contemporâneo, marcado pelo presentismo, vigente na teologia da prosperidade, também se faz sentir nas AD’s, algo perceptível na diminuição de conteúdos escatológicos nos impressos institucionais e na liturgia assembleiana. Também pode ser um sinalizador de tal tendência, o interesse assembleiano pela política partidária, já que, além dos deputados assembleianos que fazem parte da bancada evangélica, em maior número que as outras igrejas<sup>7</sup>, a instituição demonstrou interesse em criar um partido político (Cf. FELÍCIO, 2014), se bem que ainda não o fez.

Nesse aspecto, outro conceito pode ser acessado, o de “secularização” (Cf. WEBER, 2004; PIERUCCI, 1988), que no caso assembleiano pode ser entendido, entre outras coisas, como a racionalização e a burocratização institucional. Um exemplo que esclarece essa questão pode ser percebido no arrefecimento dos carismas e, como consequência disso, na considerável diminuição dos profetas como oráculos do sagrado, comunicadores da “vontade de Deus”, inclusive mulheres. O que se percebe atualmente é a ampliação progressiva da

<sup>7</sup> Conforme divulgado na edição de novembro do Jornal Mensageiro da Paz (2014), órgão oficial das AD’s, 23 deputados federais assembleianos foram eleitos em nas eleições de 2014.

centralização dos carismas na liderança, masculina e masculinizada, tendo em vista que as lideranças tornam-se únicos portadores da “revelação e da vontade de Deus”. Descrevendo as transformações históricas das AD’s, Gedeon F. Alencar (2013) denomina o período de 1988 a 2011 de “A Corporação Pentecostal: a (ir) racionalidade dos poderes”. Segundo ele, esse período é marcado, entre outras coisas, pela “teologia da competência” e pela dimensão litúrgica marcada pela ideia de “compras, conforto e celebração” (Templo-shopping). Desse modo, o acolhimento de boa parte da teologia da prosperidade e o processo de secularização, apenas para citar dois exemplos de outros que poderiam ser elencados, sinalizam uma experiência presentista do tempo, já que o horizonte de expectativa escatológico, embora ainda presente, diz muito pouco ao sujeito pentecostal contemporâneo.

Ainda retomando François Hartog, a obsessão pela memória e, por conseguinte, pela identidade cultural marcam a crise do tempo atual. Isso se faz sentir ao dizer que, “[...] inquieto, o presente descobre-se igualmente em busca de raízes e de identidade, preocupado com a memória e genealogias” (2015, p.151). Essa retomada da memória como inquietude temporal e desestabilização identitária atravessa os agentes da cultura assembleiana (GANDRA, 2014). Desse modo, percebe-se a invenção de uma narrativa histórica que tenta crivar uma suposta identidade clássica, saudosista de seus heróis e de seus mitos.

Com a questão da memória e da identidade, surge nas AD’s uma preocupação com o patrimônio cultural, *alter ego* da memória, segundo Hartog. Assim, as AD’s desenvolvem um processo de “presentificação do passado” como tentativa de controle dos processos de subjetivação, visando garantir um mínimo de reserva identitária, indicando, desse modo, mudanças em relação às experiências com o tempo, sendo as ações patrimoniais uma tentativa institucional de “ancoragem subjetiva”, mas ao mesmo tempo um esvaziamento escatológico.

Desse modo, em 14 de dezembro de 2000 a CPAD organiza o Memorial Gunnar Vingren, um espaço de exposição histórica da Assembleia de Deus, localizado na entrada principal do prédio da editora. Nesse espaço é possível uma experiência museológica, pois são expostos objetos pessoais dos principais personagens históricos da Assembleia de Deus, em particular dos fundadores, Daniel Berg e Gunnar Vingren. É possível, por exemplo, ver a cama de Daniel Berg e as agendas pessoais de Gunnar Vingren, escritas em sueco e português; na entrada do memorial encontram-se também os bustos dos fundadores. Por ocasião do centenário da Assembleia de Deus em 2011, houve exposição de parte do acervo do memorial em várias igrejas e eventos pelo país. O memorial, por estar no prédio da CPAD, não é aberto ao público, porém, com agendamento prévio é possível visitá-lo.

Além do Memorial Gunnar Vingren, a CPAD ampliou sua ação patrimonial com a criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP) em 2011, ano do centenário. A instituição é responsável pelo Memorial Gunnar Vingren, arquivo histórico da Assembleia de Deus e pelo Núcleo de Imagens e Pesquisas. Segundo Le Goff (2003, pp. 525-526):

A memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador.

Os “agentes” do patrimônio assembleiano não poderiam contar com a memória coletiva fundada em monumentos, tendo em vista que os templos, com raras exceções, sempre tiveram uma característica funcional. Por causa do crescimento constante, derrubava-se com frequência o templo velho para erguer um novo, mais confortável e adaptável às exigências dos novos tempos. Nesse aspecto, sua memória coletiva se sustenta nos documentos preservados pelo CEMP, cuja escolha se dá pelos agentes da cultura assembleiana.



A memória assembleiana também é instrumentalizada pelas internas disputas de poder, particularmente entre o atual presidente da CGADB, José Wellington Bezerra da Costa, e o pastor da denominada Igreja-mãe de Belém do Pará, Samuel Câmara. As disputas se agravaram por ocasião das comemorações do centenário da instituição em 2011, pois o atual líder das AD's desenvolveu, por intermédio da CPAD, uma extensa programação em Belém que excluía Samuel Câmara. Do mesmo modo, o líder da igreja de Belém desenvolveu uma extensa programação a margem de José Wellington. Uma das principais ações foi sem dúvida a criação do Museu da Assembleia de Deus no centro histórico de Belém. A importância da instituição museológica foi reconhecida pelo governo, concedendo-lhe o status de Patrimônio Histórico-cultural do Pará.

Essas questões apontam para uma nova experiência assembleiana com o tempo histórico, marcada pelo esvaziamento escatológico e pela necessidade de responder as demandas do tempo presente, sendo uma delas o baralhar das identidades religiosas (HALL, 2003).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais sinalizam significativas mudanças nas “experiências do tempo” que atravessam o sujeito assembleiano, algo perceptível na assimilação da teologia da prosperidade e no esvaziamento da escatologia como “chave hermenêutica” que situa a questão da temporalidade cristã. Nesse caso, há indícios de que as AD's participam do que François Hartog denomina de regime de historicidade marcado pelo presentismo. Isto explicaria de certo modo, por exemplo, o afrouxamento dos “modos de ser” do sujeito assembleiano, inclusive em relação às concepções de mundo e práticas da experiência carismática. A suspeita, ainda que marcada pela provisoriedade, é que o “presentismo” que caracteriza o período atual, ressignificando o passado e o futuro em chave hermenêutica presentista, tem implicação direta nas subjetividades assembleianas.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire. **Assembleias de Deus: Origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada**. Revista USP, 67, p. 100-115, 2005.

CENSO 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Base de dados disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10. out. 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes, 2009.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1960.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **Assembleia de Deus: Ministérios, carisma e exercício de poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel:** um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FELÍCIO, CÉSAR. Assembleia de Deus coleta assinaturas para criar partido. **Jornal Valor Econômico**, São Paulo, 08 de set. 2014. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/eleicoes2014/3686348/assembleia-de-deus-coleta-assinaturas-para-criar-partido>>. Acesso em: 03 de Out. de 2016.

GANDRA, Valdinei Ramos. **Patrimônio cultural da Assembleia de Deus:** memória e identidade na criação do Centro de Estudos do Movimento Pentecostal – CEMP 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade) – Programa de Pós-graduação da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), Joinville. 2014.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade.** 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade:** Presentismo e Experiência do Tempo. 1 ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado:** Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/PUC Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa & Prócoro Velásquez Filho. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1990.

**MENSAGEIRO DA PAZ.** Rio de Janeiro. Ano 83, nº1554. Novembro/2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, vol. 13, n.37, pp. 43-73, 1998.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Cia da Letras, 2004.